

REPRESENTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DA NATUREZA E O AMBIENTALISMO MODERNO

CONTEMPORARY REPRESENTATIONS OF NATURE AND MODERN ENVIRONMENTALISM

Pepita de Souza Afiune¹ (PG-UFG)

RESUMO: O artigo procura debater a relação do homem com a natureza estabelecida ao longo de sua história, tendo como ponto de partida o contexto da modernidade, com o surgimento da ciência moderna, que desconsiderou os antigos conhecimentos. A ciência dominou a natureza empregando um conjunto de técnicas e leis. A natureza, assim, deixou de ter uma identidade animista ou repleta de poderes divinos, para se tornar algo morto e passivo diante do homem. Surge no século XX a desconfiança na ciência, por parte dos homens que passaram a creditar à mesma um caráter incompreensível, imprevisível, interferente na ordem natural e incapaz de lidar com as complexidades humanas e cósmicas. Surgiram preocupações internacionais quanto ao efeito estufa, a camada de ozônio, a energia nuclear, o aquecimento global, a poluição, dentre outros problemas. Essas preocupações na verdade geraram um clima pessimista em contraposição ao otimismo moderno: a tradição do pessimismo cultural, que parte de uma nova tendência de pensamento influenciada por intelectuais alemães, que passaram a acreditar na decadência do ocidente. Esse pessimismo cultural se refugiou no ambientalismo, que tomou força a partir da década de 70, tendo dentre os seus influentes alguns cientistas que promoveram uma nova forma de pensar a ciência, alocando o homem como parte dela. Os conceitos holísticos e o pastiche nas expressões culturais irão se manifestar como um sintoma do pessimismo pós-moderno, assim entendido por muitos sociólogos.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza, Ciência Moderna, Ambientalismo.

ABSTRACT: *The paper seeks to discuss the relationship between man and nature established throughout his history, starting with the context of modernity, with the emergence of modern science, which disregarded the old knowledge. Science has mastered nature by employing a set of techniques and laws. Nature thus ceased to have an animistic identity or full of divine powers, to become something dead and passive before man. In the twentieth century there arises the distrust in science on the part of men who have come to credit it with an incomprehensible, unpredictable character, interfering in the natural order and incapable of dealing with human and cosmic complexities. International concerns have arisen about the greenhouse effect, the ozone layer, nuclear power, global warming, pollution, among other problems. These concerns have in fact generated a pessimistic climate in contrast to modern optimism: the tradition of cultural pessimism, which starts from a new trend of thinking influenced by German intellectuals, who have come to believe in the decadence of the West. This cultural pessimism took refuge in environmentalism, which took force from the 70's, and among its influential few scientists have promoted a new way of thinking science, allocating man as part of it. Holistic concepts and pastiche in cultural expressions will manifest as a symptom of postmodern pessimism, as understood by many sociologists.*

KEYWORDS: *Nature, Modern Science, Environmentalism.*

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Bolsista CAPES/FAPEG. Mestra em Ciências Sociais e Humanidades, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: pepita_af@hotmail.com

Introdução

Um esforço milenar da sociedade humana é a necessidade de apreender o meio em que habita. Desde o Neolítico, o homem desenvolveu técnicas para manipular a natureza, como o manejo dos metais, a cerâmica e a domesticação de animais. O empreendimento dessas técnicas mostrou uma atividade de exploração dos recursos naturais por intermédio de exercício de observação e invenção que foram aperfeiçoando-se progressivamente. Em qualquer sociedade, podemos encontrar um conjunto de técnicas cujo objetivo é interpretar e lidar com o mundo, situando e estabelecendo a sua comunidade. Assim, a ciência se desenvolveu ao longo da história humana como algo representativo do desejo humano de compreender a natureza.

Os fenômenos da natureza e as catástrofes ambientais até o período medieval eram explicados pela ação dos poderes divinos. O século das Luzes superou essas concepções providenciais divinas. Uma “certeza” foi substituída por outra. Juntamente com o progresso da razão, o Ocidente construiu suas bases epistemológicas a partir do desenvolvimento da ciência moderna e do positivismo.

A ciência moderna e o desenvolvimento tecnológico até o início do século XX eram essenciais para o “progresso” no âmbito dos paradigmas ocidentais. Representavam também o enriquecimento dentro de uma sociedade liberal, na qual cada indivíduo poderia determinar o seu próprio destino e quebrar velhos tabus como a estratificação social. Um verdadeiro otimismo positivista construiu bases para uma intensa produção industrial.

Esse desenvolvimento levou o homem a transformar a sua relação com a natureza, que confiante em sua racionalidade, acreditou que não teria qualquer relação com ela, e que a mesma seria uma fonte inesgotável. Entretanto, esse progresso desenfreado da ciência no século XX se deu sob desconfiança e medo, o que irá transformar mais uma vez as relações entre o homem e a natureza.

Pretendemos, neste artigo, discutir a respeito do surgimento do ambientalismo moderno e das representações contemporâneas sobre a natureza, como formas de pessimismo cultural, um sintoma da decadência do Ocidente, assim entendida por muitos intelectuais. Desenvolvemos uma discussão pautada entre sociólogos e historiadores que se debruçaram a respeito da disposição da natureza quanto ao desenvolvimento humano ao longo de sua história. Dividimos a discussão em duas partes, sendo a primeira, um debate sobre a queda da

credibilidade da ciência quanto aos riscos gerados pelas suas imprevisíveis consequências. Para isso, aplicamos a análise das mudanças da concepção de natureza ao longo da história para Hannah Arendt; o conceito de natureza socializada de Anthony Giddens; uma análise das consequências da ciência no século XX para Eric Hobsbawm; a mudança na relação entre a ciência e a natureza na modernidade a partir de Ilya Prigogine & Isabelle Stengers; e o conceito de sociedade de risco de Ulrich Beck. A segunda parte da discussão por sua vez analisa o surgimento do pessimismo cultural e de que forma ele atuará nas representações contemporâneas sobre a natureza, a partir de Arthur Herman e Oswald Spengler; e uma análise empírica sobre o surgimento dos movimentos ambientalistas, dentro dos quais podemos destacar seus principais influentes, Rachel Carson e James Lovelock, procurando compreender de que forma estes movimentos surgiram, com o apoio de Serge Moscovici. As representações sobre a natureza serão analisadas como uma forma de pastiche pelos sociólogos pós-modernos, como Fredric Jameson.

Ciência e Natureza no século XX

Ilya Prigogine & Isabelle Stengers (1991) alcunharam Isaac Newton de o “novo Moisés” do século XVIII, pois ele tornou-se o símbolo da revolução científica europeia nesse período. O sucesso newtoniano excitou os mais diversos trabalhos. Filósofos românticos viram em Newton um universo repleto do encantamento e das mais variadas forças, já os físicos viram em Newton um universo mecânico e quantificável. A ciência newtoniana se mostrou uma ciência prática, que providenciou meios de operar no mundo, modificando processos, concebendo mecanismos próprios para empregar forças e recursos da natureza.

[...] não se trata de saber racional, mas de manha e de artifício; não se trata simplesmente de conhecer os processos naturais, mas de enganar a natureza, de maquinar alguma coisa, conseguir maravilhas, a criação de efeitos alheios à ordem natural (PRIGOGINE & STENGERS, 1991, p. 28).

A ciência moderna ao mudar a relação do homem com a natureza, iniciou uma atitude experimental, mostrando-se como produto de sua cultura, contrapôs-se aos antigos conhecimentos, como a magia e a alquimia. Ela negava a complexidade da natureza, enxergando-a como um mundo controlável por um reduzido conjunto de leis. A ciência postulou uma natureza morta e passiva (PRIGOGINE & STENGERS, 1991, p. 04).

Esta atitude da ciência na verdade concebia a natureza como um autômato subordinado e regido pela mecânica racional, instigando ainda mais o desenvolvimento das leis universais que regem os astros e os corpos celestes. Esse diálogo experimental da ciência moderna trabalhou com a manipulação, em um processo entre teoria e empirismo, submetendo os processos naturais a questionamentos e julgamentos como se fosse um juiz com os seus princípios impetrados. “[...] A natureza não pode resistir ao processo experimental, fruto da aliança nova entre teoria e prática de manipulação e de transformação” (PRIGOGINE & STENGERS, 1991, p. 26). Esse processo experimental e questionamentos à natureza, repousou sobre hipóteses teóricas para tentar reconhecer fenômenos suscetíveis.

Prigogine & Stengers (1991) compararam a natureza a um autômato. A explicação das autoras segue através de uma metáfora: o relógio, que é um aparato construído pelo homem, está por sua vez submisso a uma racionalidade que lhe é exterior, pois suas engrenagens trabalham da forma como fora programado. Esta metáfora remete ao “Deus – relojoeiro, ordenador racional de uma natureza autômata” (p.34). Da mesma forma, a ciência estabeleceu um trabalho experimental e teórico para descobrir o segredo da máquina universal.

No século XX, esse trabalho experimental gerou resultados imprevistos. O medo e a desconfiança na ciência surgiram e foram estimulados por quatro tipos de sentimentos de acordo Eric Hobsbawm:

O de que a ciência era incompreensível; o de que suas consequências tanto práticas quanto morais eram imprevisíveis e provavelmente catastróficas; o de que ela acentuava o desamparo do indivíduo, e solapava a autoridade (HOBSBAWM, 1995, p. 511).

O autor indica outras acusações que também indiciavam a ciência como uma interferência na ordem natural do planeta, tornando os homens impotentes diante do mesmo. A teoria da catástrofe e a teoria do caos surgiram a partir da imprevisibilidade de situações que poderiam vir a ocorrer que poderiam ter repercussões mundiais.

O reconhecimento da incapacidade da ciência de dar conta da complexidade do mundo natural e social ganhou sua formulação mais célebre com a teoria do caos, mais difundida popularmente com o “efeito borboleta” de Lorenz: “O bater das asas de uma borboleta pode provocar um furacão em outro lado do mundo”. Isto é, os acontecimentos de

uma determinada região são influenciados pelas demais. Uma catástrofe em determinada parte do mundo pode ecoar nas suas mais diversas longitudes. A teoria do caos para Hobsbawm (1995):

modelava a incerteza e imprevisibilidade de situações em que se podia mostrar que acontecimentos aparentemente minúsculos (o adejar das asas de uma borboleta) levavam a resultados imensos em outra parte (um furacão). Os que viveram nas últimas décadas do século não tinham dificuldade para entender por que imagens como caos e catástrofe também apareciam nas mentes de cientistas e matemáticos (HOBSBAWM, 1995, p. 531).

Conforme Hobsbawm (1995) os dois químicos Frank S. Rowland (estadunidense) e Mario Molina (mexicano), no ano de 1973, chegaram à conclusão que os fluorocarbonos² estavam consumindo o ozônio disponível na atmosfera do nosso planeta. Antes da década de 40 esses produtos teriam sido liberados na atmosfera em cerca de 40.000 toneladas, e entre as décadas de 60 e 70 esses números ultrapassaram os 3,6 milhões. A partir da década de 70 também se iniciou a discussão a respeito das emissões dos CFCs que também seriam prejudiciais à camada de ozônio da Terra, o que provocou a existência de “buracos de ozônio” na atmosfera, tornando-se preocupação internacional juntamente com o efeito estufa.

Essas consequências da modernidade estão relacionadas à ideia de “natureza socializada”, isto é, a influência da ciência humana no meio ambiente. O que Anthony Giddens (1997) denomina de “natureza socializada” refere-se a essa alteração que o ser humano efetuou no meio ambiente. Seria uma forma de invasão da natureza que por sua vez fora “destruída” pela socialização. Muitos perigos são provenientes da transformação que a natureza tem sofrido.

O termo – natureza – tomado separadamente, sugere a ideia de aquilo que está intocado, independente da ação humana. Ele antagoniza o conceito de “meio ambiente”, que por sua vez, a considera um aparato não separado da existência humana, configurando a natureza transformada. Assim, Giddens entende que o conceito “natureza socializada” é mais adequado para lidar com essa nova situação.

A simples quantidade de riscos sérios ligados à natureza socializada é bem assustadora: a radiação a partir de acidentes graves em usinas nucleares ou do lixo

² Ou fluoreto de carbono, composto de carbono, flúor, cloro e pouca quantidade de hidrogênio; são utilizados como fluídos refrigeradores e propelentes em aerossóis.

atômico; a poluição química nos mares suficiente para destruir o plâncton que renova uma boa parte do oxigênio na atmosfera; um “efeito estufa” derivando dos poluentes atmosféricos que atacam a camada de ozônio, derretendo parte das calotas polares e inundando vastas áreas; a destruição de grandes áreas de floresta tropical que são uma fonte básica de oxigênio renovável; e a exaustão de milhões de acres de terra fértil como resultado do uso intensivo de fertilizantes artificiais (GIDDENS, 1991, p. 114).

Giddens acrescenta que a natureza no âmbito do pensamento ocidental era considerada como um instrumento, havendo uma separação entre a natureza e a sociedade. A mudança ocorre quando se passa a considerar as questões sociais e ambientais inseparáveis, à medida que o meio ambiente sofre os resultados das ações sociais. Essa degradação do meio ambiente foi ocasionada pela dinâmica das sociedades modernas.

Para Giddens, de todos os perigos da modernidade, a guerra nuclear é o mais globalizado e potente. Desde a década de 80 é reconhecido que os efeitos de uma guerra nuclear são catastróficos no clima e no meio ambiente. Colocaria em risco a vida de todas as espécies existentes no planeta, como consequência da radiação a partir de acidentes nucleares, o lixo atômico ou poluentes na atmosfera. “A revolução do terror nuclear nos devolve a dimensão metafísica. Toda atividade prática atingiu seu ponto culminante. Tudo pode ir agora, civilização, história, natureza” (GIDDENS, 1991, p. 146).

O autor também acredita que são os efeitos a longo prazo que causarão desequilíbrio ecológico, que apesar de tantos debates a respeito, têm se percebido poucas ações de fato. Enquanto isso, uma massa populacional tem um estilo de vida com excessos, com bens supérfluos que garantem ao mercado um público consumidor exorbitante, mantendo uma produção que está acima dos limites ambientais.

Essas problemáticas apontadas por Giddens são resultado de um processo histórico da relação entre homem e natureza. Hannah Arendt (2007) define três concepções de natureza cunhadas ao longo da história humana. A primeira, a concepção grega clássica da natureza como grandeza, isto é, a natureza era concebida como autônoma em relação ao homem. Contudo, essa concepção sofreu uma alteração drástica com o advento da experimentação científica. O homem se distanciou da natureza, o que era inimaginável na concepção grega antiga. Assim, surge o segundo conceito, de natureza como fabricação ou experimentação humana, que possui um início específico e fim previsível. A experimentação transformou a natureza em mera matéria-prima, que estaria também em função do saber científico. A

natureza neste ideal é pensada como uma causalidade mecânica, e não mais como um poder metafísico como era pensada na antiguidade. A História deixou de ser aquela baseada em acontecimentos que afetavam a vida do ser humano, para ser um conjunto de eventos alterados pelo homem. Essa atividade produtiva humana é dotada de confiabilidade e durabilidade. O fazer planeja resultados, situando metas a serem atingidas. O fazer não inicia processos, ele interfere e transforma os processos já em andamento.

A especificidade da modernidade é que o homem passa a fabricar “processos” naturais, como a fissão nuclear e manipulações genéticas. Esse estágio só foi alcançado com as descobertas nucleares, nas quais as forças naturais são desencadeadas pela ação humana (ARENDT, 2007, p. 89). Neste momento a autora aplica o terceiro conceito de natureza, como um processo criado pela ação do homem. O homem neste contexto é o grande autor dos processos naturais, que de certo modo, “faz a natureza”. O conceito de “ação” refere-se ao mundo atual, no qual os processos são determinados pela ação do homem sobre a natureza. A ideia de “ação” significa que o homem inicia processos. A história tornou-se um processo, e a natureza também, que por sua vez, passou a estar à serviço da investigação científica.

Se, pois, ao deflagrar processos naturais começamos a agir sobre a natureza, começamos manifestamente a transportar nossa própria imprevisibilidade para o domínio que costumávamos pensar como regido por leis inexoráveis [...]. A Ciência Natural não pode de forma alguma estar segura de um imutável império da lei na natureza a partir do instante em que homens, cientistas, técnicos ou simplesmente construtores do artefato humano decidiram interferir e não mais deixar a natureza entregue a si mesma (ARENDT, 2007, p. 92 – 93).

Hannah Arendt (2007), em seu tempo, já presenciou os impactos das descobertas atômicas, o que a permitiu prever a contemporânea “criação da natureza”, ou seja, criação de processos naturais, por meio dos avanços na física nuclear e na engenharia genética. A “ação” também não mede consequências, apenas pode tentar influenciar os acontecimentos a determinado caminho, gerando resultados inesperados e incontroláveis. “Agir na natureza, transportar a imprevisibilidade humana para um domínio onde nos defrontamos com forças elementares que talvez jamais sejamos capazes de controlar com segurança, já é suficiente perigoso” (p. 94).

Os riscos para Ulrich Beck (1998) podem ser reais ou irreais. São abertos um espectro de causas possíveis da morte das florestas, a contaminação das águas e novas enfermidades. Em contraposição, existe o argumento do risco que projeta ameaças, baseado

em prognósticos, mediante cálculos que remetem a problemas no mercado de trabalho por exemplo, que incidirá efeitos na educação, ou a geração de uma massa de desempregados. É uma forma determinante da situação do estado de ânimo social contemporâneo. Os prognósticos da destruição do meio ambiente e as ameaças atômicas aterrorizam uma sociedade e são capazes de configurar novas mentalidades, surgindo um fatalismo ecológico. Contudo, um dos efeitos da globalização é que não se conhece a incidência dos riscos que podem afetar mais tardiamente ou primeiramente àqueles que os produzem ou se beneficiam deles. Os efeitos secundários afetam também os centros de sua produção, pois os próprios protagonistas da modernização também caem dentro do redemoinho dos perigos desencadeados.

Um exemplo citado pelo autor é a agricultura na Alemanha, onde o uso de fertilizantes artificiais entre os anos 1951 a 1983 passou de 143 quilos por hectare e o uso de produtos químicos passou de 25.000 a 35.000 toneladas entre 1975 e 1983. Esse aumento trouxe danos até para os camponeses, causando um acentuado declínio dos espécimes de plantas e animais da região. Assim, os efeitos secundários vão se tornando os efeitos principais visíveis que colocam em risco os próprios centros causadores dessa produção. Decai a fertilidade dos solos, extinguem-se os animais e plantas necessários para a vida, cresce o perigo da erosão do solo. O autor demonstra uma visão apocalíptica, afirmando que a Terra se converteu em uma catapulta que não distingue ricos e pobres, brancos ou negros, sul ou norte, leste ou oeste.

Vila Parisi ganhou destaque na obra de Ulrich (1998), um bairro residencial operário situado no polo industrial de Cubatão (SP) na década de 1960, que ficou conhecido como o Vale da Morte, sendo considerado pela ONU como o município mais poluído do mundo. Esta região era sujeita a vários tipos de poluição e enchentes, desde o ano de 1955 quando foi inaugurada a Refinaria Presidente Bernardes da Petrobrás, que atraiu várias indústrias que utilizavam insumos ou combustível. A Vila Parisi foi fruto da atração de um contingente populacional como mão de obra. Estima-se que cerca de 363 mil toneladas de poluentes foram emitidas por ano por essas indústrias.

A partir da década de 80 os habitantes começaram a apresentar problemas pulmonares, um número elevado de crianças nasceu com anencefalia e amostras de sangue indicavam altos índices de intoxicação por poluentes. A ONU declarou que a cidade era um

exemplo a não ser seguido pela quantidade de problemas causados pela poluição do polo industrial (ULRICH, 1998).

O governo do Estado de São Paulo iniciou um plano de recuperação ambiental, conseguindo controlar cerca de 320 pontos de emissões de poluentes. Controlaram a despoluição dos rios, investiram em maquinário moderno, replantio da vegetação nativa e recuperou as espécies animais que haviam desaparecido da região, como por exemplo o pássaro guará-vermelho. Somente em 1992 a região foi reconhecida internacionalmente por intermédio da ONU como um símbolo de recuperação ambiental, tornando-se pelo contrário, um exemplo de cidade a ser seguido (ULRICH, 1998).

É interessante uma comparação que Ulrich (1998, p. 81) faz entre o medo da sociedade de risco moderna com o medo do sobrenatural antigo. Ele discorre que uma das questões fundamentais da consciência de risco tem uma significação antropológica, à medida que dentro das possíveis ameaças à civilização emergiu uma espécie de um novo reino das sombras, que pode ser comparado às concepções míticas de deuses e demônios da antiguidade, os quais escondiam-se em um mundo invisível que poderia colocar a vida humana em perigo. Atualmente estamos expostos a radiações e outras substâncias tóxicas e nos sentimos perseguidos por esses medos invisíveis. Os indivíduos se alimentam e respiram sem questionar a realidade tóxica que pode estar por trás desses elementos. Em toda parte, as substâncias tóxicas e nocivas à saúde humana nos assolam como os demônios na Idade Média. Porque a invisibilidade não é uma prova de sua inexistência, isso nos faz pensar que os demônios da modernidade são outros e bem reais por sinal. Da mesma forma em que as sociedades crédulas em demônios realizavam rituais para evitá-los, assim a sociedade moderna pratica seus rituais de afastamento de seus demônios.

Esse conceito de sociedade de risco debatido por Ulrich (1998) conjectura a ideia de uma natureza integrada civilizadamente e que está ligada aos processos sociais. À medida que a modernidade avança na sociedade em todos os seus aspectos não há como evitar a ideia de uma natureza interligada, pois os problemas do meio ambiente afetam a sociedade nos âmbitos econômico, social, político e cultural.

O Pessimismo Cultural no Ocidente e o Ambientalismo Moderno

Ao presenciar a iminente destruição da natureza, o ser humano se enxerga como um ser também vulnerável, pois faz parte deste corpo natural ameaçado e pelo qual ele é responsável. À espreita da ameaça, o ser humano começa a entender que respira da mesma forma que as plantas e os animais, e que também todos precisam da mesma água. O seu corpo faz parte de todas as coisas, e, portanto, como todos os seres do planeta, a ameaça afeta a todos de forma análoga.

De tal modo, percebe-se que, ao passo que a modernidade se desenvolveu em otimismo, foi num clima pessimista que o ambientalismo moderno surgiu. Suas bases emergiram do pessimismo cultural como uma reação à modernidade e ao desenvolvimento da tecnologia ocidental, pelas suas consequências, como poluição e deterioração dos recursos naturais do planeta. Seria uma forma de se encarar a sociedade industrial como responsável pela sua própria “decadência”.

De acordo Arthur Herman, ao lado de uma concepção triunfalista e progressista em relação à razão científica e ao progresso econômico que emergiu com o Iluminismo, houveram autores que manifestaram publicamente um forte pessimismo em relação à sociedade ocidental. Um dos mais conhecidos é Nietzsche, que proclamava que “a Europa moderna perdeu a centelha vital da grandeza” (HERMAN, 1999, p. 104). Além dele outro famoso intelectual descrente com o Ocidente foi Arthur de Gobineau (1937) que difundiu a tese de que a miscigenação racial iria provocar o colapso no Ocidente. Nesse sentido, ele foi um dos principais inspiradores do racismo antissemita do nazismo alemão. Embora sem o componente racial, outro grande intelectual que apregoeou a decadência do Ocidente foi o historiador alemão Oswald Spengler (1973).

Para Herman (1999), o radicalismo ecológico da década de 1970 é herdeiro dessa tradição pessimista, que passa por Nietzsche, Gobineau, Spengler, dentre outros. O ambientalismo seria representativo da nostalgia acarretada pela falta de sentido da vida moderna, o que gerou a nostalgia dos tempos pré-modernos.

Essa forma de rejeição da modernidade ocidental para os pessimistas culturais, não considerava uma catástrofe mundial como um efeito negativo, mas enxergavam-na como uma oportunidade de surgimento de uma nova civilização através dos escombros da civilização atual. Essa ideia foi partilhada por Edward Abbey, que acreditava que

[...] povos humanos difundidos em um modesto número que vive da pesca, da caça, de armazenar alimentos, da agropecuária em pequena escala que se juntarão anualmente nas ruínas das grandes cidades em festivais anuais de renovação moral, espiritual, artística e intelectual (HERMAN, 1999, p. 448).

Desde os anos 70, a falta de confiança na humanidade, ou seja, o pessimismo cultural, se refugiou no ambientalismo. A crença de que a humanidade estaria caminhando para a barbárie e autodestruição é tema explorado pela indústria cinematográfica, a indústria de *games*, musical e literária. “Talvez a característica mais relevante do século XX seja o tremendo surto desse pessimismo cultural não só no campo das ideias, mas diretamente nas arenas política e cultural” (HERMAN, 1999, p. 462). É a consciência do “fracasso” da civilização moderna.

Segundo Herman (1999) na visão de Nietzsche, os homens deveriam buscar uma nova cultura, novos hábitos, para libertar-se do mundo que estava em decadência. Mas, para esse pessimismo, existia um antídoto. Os românticos, filósofos e artistas seriam os benfeitores de grandes obras. O pessimismo histórico negava todas as realizações humanas, que estaria caminhando para um colapso. Mas esse colapso não seria motivo de tristeza, e sim, de comemoração, porque abriria caminhos para o florescimento de um mundo novo. Por outro lado, os socialistas utilizavam o pessimismo histórico como um ataque ao cristianismo e à burguesia. Os pangermanistas por sua vez, atacaram os judeus, inclusive, Nietzsche foi transformado em um porta-voz antissemita.

A geração de Hitler foi a primeira geração europeia educada sob o pessimismo cultural nietzschiano. Isso cultivou os mesmos rancores (capitalismo industrial, liberalismo cruel, degradação cultural) que seus mentores acadêmicos e muitos dos mesmos objetivos (HERMAN, 1999, p. 246 – 247).

A partir de um iminente colapso, a Europa Ocidental se transformaria, e essa mudança partiria da Alemanha. Em sua obra *O Declínio do Ocidente*, Spengler antecipava a vitória alemã na Primeira Guerra Mundial. Devido ao resultado da guerra ter sido decepcionante, seus prenúncios eram de que a Alemanha e todos os outros países da Europa estariam fadados a um fracasso, o que demonstrou um senso revigorado entre os pessimistas culturais. A Primeira Guerra abalou intensamente o velho otimismo tecnológico e progressista dezoenovecentista.

Um dos cientistas responsáveis pelo início dessas mudanças de mentalidade até mesmo da comunidade científica foi a cientista norte-americana Rachel Carson (1962), a fundadora do movimento verde, em sua obra *Primavera Silenciosa* publicada pela primeira vez em 1962. A cientista advertiu o mundo publicando que as indústrias estavam ameaçando a natureza e a própria vida humana. Desencadeou um movimento ecologista clássico na defesa do meio ambiente. *A Primavera Silenciosa* foi considerada uma das célebres obras do século XX no sentido de maior contribuição para os estudos do meio ambiente. Rachel Carson escreveu artigos sobre conservação de recursos naturais e os efeitos do uso dos pesticidas. Iniciou um movimento em prol da mudança de mentalidade na forma como a humanidade lida com o mundo natural, apesar de ter sido considerada uma alarmista, por parte das indústrias e do governo, mas nunca desistiu do seu ideal até a sua morte.

Na década de 70, o Dia da Terra (22 de abril de 1970) foi um marco na história do ambientalismo. Milhares de jovens norte-americanos sob os ideais da contracultura, na quebra de modelos sociais ocidentais, como a forma de se vestir, a liberdade sexual, o estilo de vida *hippie* e a intimidade com a natureza, reuniram-se com um entusiasmo romântico tornando-se a nova esquerda. Essa onda atraiu grupos de preservação ambiental e antipoluição, obtendo apoio até mesmo do então presidente Richard Nixon e do senador Gaylord Nelson. Leis e regulamentações ambientais foram decretadas após esse evento, a começar pela Lei do ar puro e a criação do Departamento de proteção ambiental (CARSON, 1962, p. 439).

Um movimento verde que teve destaque internacional foi o *Greenpeace*, formado por um grupo composto por ecologistas, jornalistas e *hippies* em 1971 no Canadá. Ao embarcar no barco de pesca *Phyllis Cormack*, esse grupo tentava impedir que os Estados Unidos realizassem testes nucleares na ilha de Amchitka (conhecida como o santuário dos pássaros), no Alasca. Iniciaram uma venda de broches com a inscrição “*green and peace*”, que posteriormente foram unidas formando a palavra *Greenpeace*. Conseguiram expressivo apoio popular e com toda a pressão exercida, conseguiram que esses testes fossem suspensos na ilha (GREENPEACE, 2010).

No Brasil o *Greenpeace* foi fundado em 1992, a partir de um protesto contra a usina nuclear de Angra. Os ativistas empunharam 800 cruzeiros ao redor da usina, o que simbolizava o número de mortos do desastre de Chernobyl. Conseguiram a proibição da importação de lixo tóxico, desenvolveram campanhas contra a emissão dos gases CFCs, conseguiram a rotulagem

dos alimentos com indicação de que eram transgênicos, investigaram sobre a exploração da madeira na Amazônia e têm pressionado até hoje o governo brasileiro para incentivar o uso das energias eólica e solar.

Para Serge Moscovici, esses movimentos ecologistas procuram inverter a tendência de destruição das cidades e dos campos que os deixaram inabitáveis. Surgiram como grupos minoritários até mesmo sob a ameaça de serem extintos ao desafiar tantos anátemas. “Eles escalam os muros que nos separam da natureza, com uma paciência teimosa, sabendo bem que, longe de os revolucionários fazerem as revoluções, são as revoluções que fazem os revolucionários” (MOSCOVICI, 2007, p. 116). Por outro lado, receberam apoio da opinião pública ao propor uma mudança estrutural, uma ampliação dos horizontes da humanidade, propondo uma nova união entre sociedade e natureza.

Outro fervoroso ambientalista é James Lovelock, que concebe o planeta Terra como um organismo – Gaia – conceito que surgiu nos anos 60 e até hoje tem excitado muitas controvérsias, sendo rejeitado por vários cientistas. Apesar das críticas, a teoria de Gaia recebeu um prêmio, a *Medalha Wollaston*, em 2003, pela sociedade geológica de Londres. Dessa forma, Lovelock

[...] costuma ser apontado como o grande responsável pela popularização da preocupação ambiental, àquele que tirou a ciência ecológica do nicho dos biólogos profissionais e a colocou como pauta social, política e, até, religiosa. [...] Sua teoria tornou-se influente, a ponto de tornar-se quase um jargão, porém, como explica o francês Guy Sorman, autor do livro *Os Verdadeiros Pensadores de Nosso Tempo*, ele “é alvo tanto de um verdadeiro culto como de violentos ataques nos meios científicos”. Lovelock, a despeito de seu prestígio intelectual, não é acadêmico, é considerado mais um sábio iconoclasta que deu suas contribuições ao debate. Talvez um artista que cria a partir de elementos da ciência (1989) [...] (SILVA & SILVA, 2012, p. 113).

O cientista alega que o consumo excessivo de combustíveis ocasionou uma concentração muito grande de dióxido de carbono na atmosfera. Consequência disso, o aumento das temperaturas, declínio da biodiversidade, derretimento das calotas polares, o desaparecimento gradual das regiões florestais e pastagens, a perda da tonalidade azul-esverdeada dos oceanos e aumento de desertificação, estão entre os possíveis colapsos que podem ocorrer no planeta.

É interessante compreender a hipótese de Lovelock (2010), apesar de não ser aceita na comunidade acadêmica, representa as novas preocupações ambientais juntamente a alarmes de outros cientistas, que estão surgindo em função das catástrofes ambientais em que o planeta está passando nos últimos anos. “Gaia aparece como uma teoria com potencial para fomentar um novo ambientalismo que, inculcado como crença, fornece as bases de um agir intuitivo buscando nossa reintegração à natureza” (MOCELLIM, 2014, p. 85).

Pregou-se o fim do Ocidente entre os defensores ecológicos mais radicais, a partir da década de 70. Uma nova comunidade surgiu, de cunho holístico, com uma visão orgânica da natureza. A ideia seria criar um Ego que substituísse o Ego ocidental, e para isso retomaram aquele antigo entusiasmo dos românticos alemães, dentro do âmbito dos movimentos de renovação cultural no século XIX em reação aos ideais iluministas. Inclusive, esses ideais tomaram força na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial (HERMAN, 1999, p. 433).

Herman (1999) considera que o vitalismo romântico do século XIX já havia transformado a visão positivista otimista da natureza como uma infinita fonte de recursos, tendo como um expressivo exemplo o romance de terror “*Frankenstein*” (1818) de Mary Shelley. Aqui teríamos o embrião do pessimismo cultural que influenciaria posteriormente os movimentos ecologistas. *Frankenstein* representou uma forma de se conceber a natureza como repleta de mistérios, voltando-se para a magia e a alquimia, em tentativas de se compreender as suas forças vitais. Outra obra expressiva é *A guerra dos mundos* (1898) de H.G. Wells, que apresenta a tecnologia humana como inferior à tecnologia das civilizações de outros planetas, na medida em que a tecnologia humana desencadeara um processo degenerativo. A natureza como resultado dessas práticas tornar-se-ia impiedosa, causando uma extinção inevitável do ser humano. Essa nostalgia é representada por filmes como *Guerra nas Estrelas* (1977) de George Lucas, atrai a atenção de crianças e jovens pela aventura e os adultos pelo retorno ao passado. Isso porque Jameson (2006, p. 27) considera que o filme é uma forma de pastiche dos seriados das décadas de 1930 a 1950, permeada pelos vilões alienígenas a serem combatidos pelos heróis americanos.

O pastiche, para Jameson (2002, p. 118), é um “[...] sintoma da impossibilidade de historicizar até mesmo nossas próprias histórias pessoais”. O pastiche é uma prática importante do pós-modernismo. É um termo originado nas artes visuais e confundido com a paródia. Tanto um quanto o outro envolvem a imitação de outros estilos. A paródia

ridiculariza o original. O pastiche, por sua vez, ao imitar um estilo, o faz de forma neutra, sem motivos ocultos, sem o teor satírico e sem o riso (JAMESON, 2002, p. 23). O indivíduo, que está imerso na cultura da imagem, passa a valorizar elementos que transcendem a própria realidade. “O pastiche é a paródia pálida, a paródia que perdeu o seu senso de humor” (JAMESON, 2002, p. 23). Não existe mais inovação estilística no mundo pós-moderno, tudo o que resta é a imitação de antigos estilos. A base sociológica do pastiche é a nostalgia, comumente presente nas atitudes do homem frente à natureza no mundo pós-moderno. O retorno a uma vida mais íntima com a natureza, os fins de semana no campo, a busca da tranquilidade que só se consegue estando distante dos grandes centros urbanos são sintomas de uma nostalgia dos tempos pós-modernos. Essa ideia se contrapõe ao desenvolvimento tecnológico que até o início do século XX era concebido como essencial para o “progresso” no âmbito dos paradigmas ocidentais. Essas consequências da modernidade ocasionaram o surgimento de uma nostalgia e até mesmo de um pessimismo cultural contra todo o progresso ocidental.

Considerações finais

Procuramos entender a forma como sociólogos e historiadores enxergam a relação que o homem tem estabelecido com a natureza ao longo dos séculos, mostrando que esse é um caminho de retorno. Retorno no sentido de sustentar uma nostalgia quanto aos tempos pré-modernos, quando o homem estabelecia uma relação íntima com a natureza. Sempre procurava entendê-la, mas ela estava sempre conectada, e não separada como fez a modernidade.

Debatemos o conceito de natureza socializada assim empregada por Anthony Giddens ao entender que a natureza foi transformada pelo homem. Esse processo é resultado de uma longa história na qual existiram três concepções de natureza cunhadas ao longo do processo de desenvolvimento da ciência, cunhados pela Hannah Arendt: o primeiro é o conceito de natureza autônoma em relação às intervenções humanas, que também possuía um caráter metafísico; o segundo conceito é o de natureza como experimentação, que passou a estar submissa aos estudos científicos; e o terceiro conceito de natureza fabricada, na qual, a ação do homem não só interfere mas cria processos naturais. Essa atitude gerou os riscos da modernidade, assim entendidos por Ulrich Beck através do conceito de sociedade de risco. O

autor denomina os riscos como reais ou irreais, que mostra o estado de ânimo da sociedade moderna, surgindo o fatalismo ecológico. Aqui a natureza não apenas está conectada aos processos sociais, como responde a determinadas ações. Esse medo marca a mudança de atitude do homem em relação à natureza, em vista das ameaças. O homem se entende como parte da natureza.

Então, a modernidade se desenvolveu com o otimismo da ciência, e a pós-modernidade, assim entendida por muitos sociólogos, se desenvolveu com o pessimismo do ambientalismo. O ambientalismo representa o surgimento de uma tradição do pessimismo histórico e cultural como uma reação à modernidade e seus frutos. Alguns exemplos dessa mudança de pensamento estão nos filósofos Nietzsche, Gobineau e Spengler.

O radicalismo ecológico surgiu na década de 70, tendo entre os seus principais influenciadores e/ou expoentes o evento internacional Dia da Terra (1970), a cientista Rachel Carson (1962), o cientista James Lovelock (1960) e o movimento Greenpeace (1971). Serge Moscovici analisa a emergência destes pensamentos e como eles influenciaram os movimentos ambientalistas. O pessimismo cultural se refugiou na música, no cinema, nos games e na literatura, como uma forma de pastiche.

Esse debate de cunho teórico não deixou de empregar uma discussão pautada em dados empíricos, já que muitos destes autores buscaram empregar dados estatísticos, baseados em pesquisas para comprovar os efeitos dos estudos científicos no planeta. Por outro lado, uma análise dos movimentos ecologistas e seus ícones se fez presente, mostrando as mudanças sociais que começaram a ocorrer após a década de 60 a nível internacional. Foi importante trazer essa discussão, pois podemos perceber que o homem transformou a sua relação com a natureza, procurando um retorno, estabelecendo no holismo a sua redenção.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah (2007). O conceito de História antigo e moderno. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo, Perspectiva, p. 69 – 125.

CARSON, Rachel (1962). *Primavera Silenciosa*. Tradução de Raul de Polillo. 2ª ed. São Paulo, Edições Melhoramentos.

GIDDENS, Anthony (1991). *As Consequências da Modernidade*. 1ª ed. Trad. de Raul Fixer. São Paulo, Editora UNESP.

AFIUNE, Pepita de Souza. REPRESENTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DA NATUREZA E O AMBIENTALISMO MODERNO.

GOBINEAU, Joseph Arthur (1937). *Ensayo sobre la desigualdad de las razas humanas*. Barcelona, Editorial Apolo.

GREENPEACE BRASIL (2010). *O surgimento do Greenpeace*. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/archive-brasil/pt/quemsomos/Greenpeace-no-mundo/>. Acesso em 02 de agosto de 2018.

HERMAN, Arthur (1999). *A ideia de decadência na História Ocidental*. Rio de Janeiro, Editora Record.

HOBBSAWM, Eric (1995). Feiticeiros e Aprendizes – As ciências naturais. In: HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O breve século XX - 1914 – 1991*. Tradução de Marcos Santarrita. Rev. Maria Célia Paoli. 2ª ed. 40ª reimp. São Paulo, Companhia das Letras, p. 504 – 536.

JAMESON, Fredric (2006). Pós-modernismo e sociedade de consumo. In: JAMESON, Fredric. *Virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 15 - 44.

LOVELOCK, James (2010). *Gaia: Alerta Final*. Tradução de Vera de Paula Assis, Jesus de Paula Assis. Rio de Janeiro, Intrínseca.

MOCELLIM, Alan Delazeri (2014). *Ciência, Técnica e Reencantamento do Mundo*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo.

MOSCOVICI, Serge (2007). *Natureza: Para pensar a Ecologia*. Trad. Marie Louise Trindade Conilh de Beyssac e Regina Mathieu. Coordenação da edição brasileira Maria Inácia D'Ávila e Tania Barros Maciel. Rio de Janeiro, Mauad X, Instituto Gaia.

PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle (1991). *A Nova Aliança: Metamorfose da ciência*. Trad. De Miguel Faria e Joaquina Machado Trinciera. Brasília, Ed. UnB.

SILVA, Ademir Luiz da & SILVA, Adriana Aparecida (2012). Cuidar do jardim ou esperar o fim do mundo? Mudanças climáticas e / no cinema. *Revista Plurais Virtual*, v. 2, n. 1. Universidade Estadual de Goiás, p. 102 – 120. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/revistapluraisvirtual/article/view/1070/553>. Acesso em 02 de agosto de 2018.

SPENGLER, Oswald (1973). *A decadência do ocidente: esboço de uma morfologia da História universal*. Ed. Helmut Werner. Trad. Herbert Caro. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar Editora.

ULRICH, Beck (1998). *La sociedad del riesgo. Hacia a una nueva modernidad*. Tradución Jorge Navarro, Daniel Jiménez e Maria Rosa Borrás. Ediciones Paidós Ibérica, S.A.. Barcelona, A & M Gràfics, S.L.

Recebido em 14/11/2019

Aprovado em 13/12/2019